

COMMERÇIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayer e Dr. Custodio Velloso.

PREÇO DA ASSIGNATURA		PUBLICA-SE ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.	PUBLICAÇÕES	
7.º ANNO	12 mezes, com estampilha. 25000 12 mezes, sem estampilha. 15600 Brazil, 12 mezes, moeda forte. . . . 35600 Folha avulso 10			Correspondencias partic. cada linha 40 Anuncios cada linha. 20 Repetição 10 Assignantes, 20 p. c. d'abatimento

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser remittida, franca de porte, á administração do jornal—O «Commercio do Minho», rua Nova, n.º 4.

BRAGA

SABBADO 4 DE NOVEMBRO DE 1879

Algumas considerações sobre a necessidade da educação religiosa.

III

E aqui é de notar que os maiores homens da antiguidade estavam persuadidos que o dever mais essencial d'um legislador e d'um príncipe era estabelecer boas regras para a educação da mocidade, e fazel-as exactamente praticar; entendendo que o que se aprende na infancia, facilmente se imprime no espirito, lançando n'elle profundos traços que difficilmente se apagam.

D'esta sorte queriam que se desviassem da vista dos meninos todos os objectos proprios a lisongear suas paixões, a nutrir a cubica, visto que d'ahi sahe um ar contagioso e pestifencial, capaz de inficionar com o tempo, e insensivelmente, os mesmos mestres que o respiram a cada momento sem temer e sem precaução.

Queriam que n'uma cidade tudo ensinasse e inspirasse a virtude—inscripções, quadros, estatuas, jogos, conversações—e que de tudo o que se apresentasse aos sentidos e ferisse os olhos ou os ouvidos, se formasse como um ar e um sopro saudavel.

que se insinuasse imperceptivelmente no espirito dos meninos, e que, auxiliado e sustentado pela instrucção dos mestres, n'elles produzisse, desde a idade a mais tenra, o amor do bem, e o gosto das cousas honestas.

E eis ahí como no mesmo paganismo, os homens mais sensatos, os philosophos e legisladores mais abalisados, taes como Lycurgo, Platão, Cicero, Seneca, Quintiliano e outros discorriam acerca das regras que deviam observar-se para a boa educação da mocidade.

Ora, se isto assim se dava entre gentios, quanto não deve ser o zelo, quantos não devem ser os esforços a empregar, entre christãos, para se promover uma boa e religiosa educação nos meninos?

E aqui vem a proposito o que a este respeito nos diz Santo Agostinho:

Diz assim: Que quaesquer encantos que tivesse para elle um livro de Cicero, intitulado *Hortensius*, cuja leitura tinha preparado o caminho á sua conversão, inspirando-lhe um vivo desejo da sabedoria, sentia que lhe faltava alguma coisa importante, visto que não encontrava n'elle o nome de Jesus Christo; e que todo o que não tivesse este nome divino, por mais bem pensado, por mais bem escripto, por mais verdadeiro que podesse ser, não arrebatava inteiramente seu coração.

E assim é que o Christianismo é a alma e o complemento de todos os deveres que os homens devem cumprir em ordem á sua salvação.

E' elle quem os anima, quem os eleva, quem os ennobrece, quem os aperfeiçoa, quem lhes dá um merecimento, de que só Deus é o principio e o motivo, e do qual só o mesmo Deus pôde ser a digna recompensa.

Sim, o Christianismo é a base unica sobre que assenta a ordem geral; é principio de educação individual, e regra do desenvolvimento da sociedade (Eugene Rendu).

Fôra d'elle todo o desenvolvimento da actividade humana conduz ao erro. A teoria da educação *humanitaria* está convencida de incapacidade; desde que ha Christianismo, a clausula de ser christão é que faz o homem.

Fujam, diz Rousseau, dos que semeiam no coração humano doutrinas subversivas... dos que desarraigam delle o remorso do crime, e esperanza da virtude.

Os bens que a philosophia pôde fazer, melhormente os faz a religião, e a religião alguns faz que a philosophia não pôde fazer.

E', portanto, a religião a base natural de toda a educação.

E' ella, segundo nos diz o mais sabio dos reis, que, insinuando-se no coração dos meninos, ahí leva sua luz com as doces afecções que ella governa (Prov. cap. 1.º v. 4.º).

Ella sabe fallar á mocidade a unica linguagem que ella pôde entender, instruindo-a por preceitos e narrações.

Ella comprime seu ardor, modera suas paixões; torna-a docil ao jugo sagrado da sabedoria. E' por ella que recebemos as leis de ordem, de moderação e de equidade (Ilem, cap. 2.º v. 9.º).

Tudo o que é bom, util, honroso, todos os sentimentos nobres e generosos, a religião os inspira e os faz reinar entre os homens.

Ella só os fórma para a virtude; os sugenta ao trabalho, aos bons costumes, ao jugo das leis.

E porque faz a religião tudo isto? E' porque offerece ao homem a unica auctoridade que pôde impor silencio ao orgulho de sua razão, e encadear a independencia de sua vontade.

E' por isso que só uma educação religiosa tem em si o poder de assegurar a prosperidade das familias, a gloria do Estado, e a tradição de todos os verdadeiros principios.

Origem de todas as virtudes publicas e privadas, ella decide em ultimo expediente do destino dos imperios. Assim nol-o tem sempre provado a razão e a experiencia.

Nem se diga que um outro principio, isto é, a razão se poderia substituir á religião. Não; a razão, dada só a si, seria insufficiente, porque o que se desenvolve antes de tudo, attenta nossa natureza mais inclinada para o mal do que para o bem, não é a razão, mas sim as paixões impetuosas, incapazes de conhecer algum freio.

Se pois a religião se não apodera primeiro do espirito dos meninos quando a razão chega a apparecer, ella encontra os prejuizos estabelecidos, os habitos contrahidos, e muitas vezes mesmo o coração ferido d'uma depravação precoce.

Então sua luz não é para estes seres degenerados mais do que a luz do dia, importuna e até nociva aos olhos desfalhecidos d'um doente.

Demais d'isto cumpre notar que ha uma outra doutrina que fermenta surdamente no seio da sociedade, a saber—o systema do *interesse pessoal*—systema que cada dia se pretende fazer acreditar no meio do mundo, e que desgracadamente acharemos ensinado até nos livros destinados á educação da mocidade.

Que se pôde, pois, esperar d'esse estado de corrupção a que o homem tem chegado, a ponto de querer banir Deus do universo, de não permittir mais á Providencia o ingerir-se nas cousas humanas, e que, desherdando se da esperanza dos

de. Aberta esta, Thierry appareceu logo sobre o limiar, e apertou com effusão a mão do archeiro, dizendo lhe:

—Sempre o mesmo Theobaldo; tão astucioso como denodado!

—Emquanto vos arrastavam pelas ruas como um vil escrudo, que caminha para o patibulo, senhor, eu vos seguia a ocultas, fazendo-vos comprehender que vos vingaria, e que, depois, vos poria em liberdade. A vingança fugiu-me a despeito de todas as minhas precauções; mas véle se me achou ou não em via de cumprir a minha segunda promessa. Por ora pouco se vos deve dar de saber os meios, que empreguei para chegar até aqui. O essencial é cuidarmos do vosso livramento. O dia declina. Estes homens, graças a um narcotico poderoso, que lhes subministrei; não acordarão tão cedo. Vem ahí a noite; e nós podemos evadir-nos com toda a segurança.

—Esperança e coragem!—disse o conde apertando de novo a mão do fingido João Buis, do archeiro improvisado; o qual, como o leitor já tem de certo prezunido, não era senão um dos cavalleiros mais valentes e mais nomeados da Hollanda.

E Thierry entrou logo na sua estancia e fechou a porta, enquanto que Theobaldo se punha outra vez a passear de um a outro lado, como qualquer sentinella que mette conscienciosamente a sua guarda.

(Continua)

2

FOLHETIM

A MÃO DO MORTO

(TRADUÇÃO LIVRE).

11

Henrique apenas tinha podido vêr pelas costas o seu salvador durante a breve lucta que este empenhara com o assassino. Foi pois com um sentimento de viva curiosidade que elle examinou o individuo, posto agora na sua presença, e que o interrogou acerca do seu nome e qualidade.

«Eu chamo-me João Buis, respondeu elle com segurança; sou natural de Gind, exerceo o officio de official de pedreiro, e estou aqui apenas desde hontem para procurar que fazer nas obras das muralhas, que andam em construcção».

O duque perguntou lhe em seguida porque razão se havia elle subtrahido ao seu reconhecimento no proprio instante em que elle tanto teria estimado vê-lo, para o felicitar pela sua coragem e agradecer lhe a sua dedicação.

«E' que cada um de nós temos cá as nosas ideias, disse João Buis sorrindo ingenuamente. Eu pensei cá com os meus botões que o que se demora não se perde. Além de que um pobre diabo como eu está tão pouco affeito ás honras publicas, que me sentia tremer só com a lembrança de que vós me fallasseis diante de toda a gente».

Esta franca resposta pareceu satisfazer o duque; o qual, tirando da sua algibeira uma bolsa recheada de ouro, passou-a ás mãos do pobre official de pedreiro.

«Mas este antes de a aceitar, pediu permissão a Henrique para dirigir-lhe uma pergunta. Obtida ella, disse ao duque:

«Há um favor, que eu ponho acima de tudo quanto acabais de dar-me. Duas horas ha que eu concibi um forte desejo de figurar entre os vossos guardas. Não será temeridade expôr-vos este empenho, e contar que n'lo satisfareis? Se um braço robusto e um coração dedicado podem dar-me algum merecimento aos vossos olhos, consenti, senhor, que eu dispa este pellote para tomar a espada e o arco, que convêo melhor á minha inclinação e—posso dizê-lo com verdade—á minha natureza».

—Eis ahí uma petição que merece alguma consideração, disse o duque, cada vez mais bem disposto. Preece-me um rapaz ás directas, e tambem penso como tu que ficarás melhor empoleirado sobre um cavallo de batalha, do que sobre a crista de um muro. Conserva pois a tua bolsa, e vai tomar o teu uniforme. De hoje em diante ficas fazendo parte do corpo destinado á guarda da minha pessoa.

Duas horas depois João Buis, vestido com um brilhante uniforme de archeiro, regalava muitos dos seus novos camaradas na taberna de Saint-Amand. As libações haviam sido numerosas, e a mór parte dos convivas sentia a lingua grossa. os olhos turbados e as percas extraordinariamente pezadas.

—Upa! disse de repente um dos me-

nos bebados. Levantai vos, queridinhos, que temos uma hora de atrazo para com os amigos, o que é na verdade muito mal feito.

E como este apello não produziu o resultado, que o archeiro desejava, poz-se a sacudir rudemente cinco dos seus companheiros, lembrando-lhes que estava chegado o seu quarto de guarda junto do prisioneiro conde de Hollanda.

Esta segunda tentativa deu melhor resultado que a primeira. Dos cinco archeiros, quatro levantaram se, ajuda que com difficuldade o quinto, esse estava como morto de vinho.

E' o mesmo, disse João Buis, que parecia haver conservado todo o seu sangue frio e toda a sua destreza. Já me tarda o entrar em serviço, e irei substituir de muito boa vontade este canarado, que depois me pagará na mesma moeda.

Todos louvaram este proceder do novo alistado; e lá se foram, bem ou mal, caminho do palacio, onde os que tinham estado de guarda ao conde Thierry se consolaram facilmente da demora dos que deviam rendê-los, com a perspectiva de um régalhofes, que João Buis lhes deixou entrever.

Apenas installados os cinco archeiros, para logo se sentiram todos, á excepção de João Buis, tomados de um somno irresistivel, adormecendo um apoz d'outro sobre o lagêto, diante da porta da camera, que servia de prizão a Thierry, no *Iwerten-Toren*.

Buis, depois de se haver aproximado, para maior segurança, de cada um d'elles, tirou do bolso uma chave e introduziu a na fechadura da porta do con-

